

A figura e obra de Adérito Sedas Nunes

Sr. Ministro da Educação, Sr. Ministro da Ciência e Tecnologia, Sr. Presidente da Fundação Gulbenkian, Srs. Presidentes dos Conselhos Directivo e Científico do Instituto de Ciências Sociais, caros Colegas, minhas Senhoras e meus Senhores:

Decidiu, e bem, o Instituto de Ciências Sociais instituir um prémio com o nome do seu fundador e primeiro director para distinguir obras de reconhecido mérito no domínio das ciências sociais. Quis assim não só homenagear a figura de Adérito Sedas Nunes, mas também, ao fazê-lo, dar continuidade à sua obra em prol do desenvolvimento das ciências sociais, estimulando a investigação científica e a sua divulgação.

Procedemos hoje à entrega do primeiro Prémio Sedas Nunes para as Ciências Sociais, a que o Ministério da Educação, muito significativamente, quis associar-se, financiando a sua primeira edição.

Pediram-me que aqui dissesse algumas palavras sobre a figura e a obra de Adérito Sedas Nunes, de quem tive o privilégio de receber orientação na realização do meu doutoramento e a quem tive a honra de suceder na direcção da *Análise Social*.

1. Adérito Sedas Nunes foi de facto um dos grandes responsáveis pelo moderno desenvolvimento das ciências sociais em Portugal, tanto em termos de investigação como de institucionalização do seu ensino, ao fundar em 1962 o Gabinete de Investigações Sociais (que viria a transformar-se, vinte anos depois, no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa) e a sua revista *Análise Social* e ao lançar, com o seu grupo de assistentes, em

* Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

1972, no ISCTE, a licenciatura em Ciências do Trabalho, que viria a transformar-se, já depois do 25 de Abril, na primeira licenciatura pública de Sociologia do país.

Se me é possível resumir, no curto espaço desta evocação, o que foi o esforço académico e cívico de Adérito Sedas Nunes, diria que o seu primeiro mérito foi o de chamar a atenção para a dimensão social do desenvolvimento económico e para o contributo que às ciências sociais cabia dar nesse processo quando, no dealbar da década de 60, o país atravessava uma importante fase de crescimento económico e de modernização social, dominada por perspectivas economicistas e tecnocráticas.

Com a visão personalista e solidária da vida e com a perspectiva humanista e cristã dos problemas sociais que desde os primeiros escritos revelou, Adérito Sedas Nunes, economista de formação e militante católico de vanguarda, foi um defensor da «humanização» das relações sociais.

Para ele os problemas do progresso económico deviam ser enquadrados na perspectiva mais ampla de um pensamento social que integrasse o ponto de vista económico na problemática geral da sociedade, cujo progresso se pretendia promover, não apenas em termos económicos, mas numa dimensão global do homem todo e de todos os homens.

Adérito Sedas Nunes foi dos primeiros a ocuparem-se dos problemas sociais «graves e difíceis» que acompanharam a evolução das sociedades modernas, em particular da sociedade portuguesa, mas também das próprias condições sociais do desenvolvimento. Desde o início compreendeu e tentou fazer perceber que não era possível ocupar-se de questões sociais ignorando ou relegando para segundo plano o problema das estruturas e dos regimes, a forma de organização económica e o papel do Estado ou esquecendo a necessidade da compreensão histórica desses problemas e das respostas a dar-lhes.

Da necessidade de resolução integrada e histórica dos problemas sociais passou Adérito Sedas Nunes à afirmação da necessidade de uma compreensão científica da sociedade e das suas estruturas, movimentos e instituições, à necessidade de uma sociologia não meramente reflexiva ou literária, mas fundada na observação real, dotada de rigor científico e metodológico. A sua *Análise Social* rapidamente se transformou numa *análise sociológica* da sociedade portuguesa, tentando evidenciar, na sua estrutura dualista, os focos e factores de modernização e de resistência a ela.

2. Foi neste âmbito que Adérito Sedas Nunes descobriu e sublinhou, com uma ênfase que se tornou histórica, a importância da educação e da ciência nessa modernização e nesse desenvolvimento integrado e integral da sociedade portuguesa. E aqui reside o seu segundo grande mérito académico e cívico.

A educação seria não apenas a condição básica, mas o factor decisivo do desenvolvimento da sociedade portuguesa, e dentro da educação a universidade, que importava reformar profundamente.

As universidades tradicionais, em escasso número ainda na década de 60, eram para Adérito Sedas Nunes formadoras apenas de um reduzido escol, meros aglomerados de faculdades sem interacção interdisciplinar entre elas, catedrocráticas, pedagogicamente rígidas, minadas pela distância entre professores e alunos, sem concorrência nem competitividade. Urgia, por isso, fazer a reforma dessas universidades.

Convencido, porém, da incapacidade de auto-reforma da universidade tradicional, tornou-se um defensor da criação de novas universidades que estimulassem a competição académica, alargassem a escolarização superior, renovassem os processos pedagógicos e, sobretudo, incrementassem a investigação científica.

Adérito Sedas Nunes compreendeu desde cedo o papel de relevo que à ciência cabia no desenvolvimento não apenas do sistema de ensino, mas, com ele também, da própria sociedade portuguesa.

E, por isso, sublinhou a necessidade de pôr as universidades a fazer mais investigação científica, de criar nelas condições para a formação metodológica de investigadores, para a divulgação dos resultados dessa investigação e para a sua utilização social.

Quando um dia aceitou ser presidente da JNICT (em 1977) e ser, esporadicamente, no governo da sua amiga de juventude Maria de Lourdes Pintasilgo, ministro da Cultura, Ciência e Coordenação Cultural (em 1979), foi-o com a consciência de que importava materializar coerentemente as suas preocupações e ideias respeitantes ao desenvolvimento científico do país.

E ainda aí Adérito Sedas Nunes voltou, uma vez mais, a sublinhar a importância social da ciência e da perspectiva das ciências sociais no desenvolvimento científico, denunciando o «cientismo» de uns ou a cientocracia de outros, alheada das condições sociais e das funções sociais da sua elaboração e utilização.

Adérito Sedas Nunes acabaria, aliás, por ser, nos últimos anos da sua vida, sobretudo um «gestor de ciência» empenhado na oferta de condições de trabalho a outros, sacrificando, por isso, a sua própria propensão pessoal para a investigação, para o estudo e para o ensino. Dedicou ao Instituto de Ciências Sociais e à *Análise Social*, se bem que nem todas, pelo menos o melhor das suas energias.

3. E foi nessa qualidade de «gestor de ciência» que Adérito Sedas Nunes sublinhou a importância da liberdade na criatividade e na investigação científica. E nisto está porventura o seu terceiro grande mérito académico e cívico.

Ao constituir a equipa de investigadores que reuniu no Instituto de Ciências Sociais, Adérito Sedas Nunes não teve a preocupação de formar discípulos reverentes e submissos, que para ele trabalhassem apenas, ou que reproduzissem e ampliassem as suas ideias e as suas opiniões. A sua principal preocupação foi a de criar um espaço de liberdade, de criação e de descoberta, de discussão e de crítica, que fizesse surgir do confronto aberto de opiniões e de perspectivas, do diálogo interdisciplinar, o desenvolvimento do próprio conhecimento científico.

Neste sentido, Adérito Sedas Nunes não criou uma escola. Escrevi-o um dia. Confessou-me ao lê-lo que lhe tinha feito um dos elogios que mais apreciou sobre a sua vida.

Adérito Sedas Nunes percebeu como poucos o valor da liberdade. Não apenas na vida académica, mas também na vida social e política. A defesa da liberdade, a par da defesa da solidariedade, em termos individuais como sociais, brota da sua convicção da responsabilidade e da inviolabilidade da pessoa humana.

Por isso entendeu a função do Estado, na ordem social pluralista e orgânica que defendia, em termos supletivos. O Estado não deve sobrepor-se à iniciativa particular e à espontaneidade da vida social. Cabe-lhe orientar sem constringer, suprir quando a sociedade não fosse capaz de, por si só, responder aos desafios que lhe colocavam. Nunca foi por isso um «estatista», mesmo em matéria de educação.

Esteve por isso entre os primeiros a colaborar no lançamento da Universidade Católica Portuguesa, à qual deu por muitos anos uma colaboração estreita e para a qual me convidou um dia como assistente.

Adérito Sedas Nunes sonhava escrever nos últimos anos de vida um derradeiro livro, de que chegou a elaborar um projecto: «Livres e iguais» era o título do projecto.

«Livre e solidário» foi ele próprio com aqueles que um dia convidou a trabalhar consigo e que hoje aqui nos reunimos para evocar a sua memória, como ele seguramente gostaria que o fizéssemos: premiando o mérito, estimulando mais e melhores ciências sociais para Portugal e sobre Portugal.

Srs. Ministros, Sr. Presidente da Fundação Gulbenkian, Srs. Presidentes dos Conselhos do Instituto de Ciências Sociais, minhas Senhoras e meus Senhores:

Seria estulto da minha parte pretender apresentar o Prof. Sedas Nunes a quem tão bem o conheceu. A sua memória está demasiado viva e actuante entre nós para precisar de ser recordado. Foi-me pedido que lembrasse a sua

obra em prol das ciências sociais em Portugal neste acto de entrega do primeiro prémio com o seu nome. Fiquei-me pelos seus maiores méritos, sem ter a preocupação da exaustão.

Termino com o voto de que este prémio possa dar continuidade àquilo que nos legou: a consciência da importância da dimensão social no desenvolvimento, na educação e na investigação científica, do valor da liberdade e da criatividade na criação e transmissão do saber.

Muito obrigado.